

Correspondência de Hegel com Hölderlin e Schelling nos anos de 1794 e 1795

Tradução do alemão e notas de

Sergio Portella

sgportella@yahoo.com.br

Mestrando, Bolsista PROSUP/CAPES, em Filosofia da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS

[Hölderlin a Hegel]

Waltershausen¹, 10 de julho de 1794

Meu caro:

Estou certo de que tenhas ocasionalmente lembrado de mim desde que nos despedimos no desígnio do “reino de Deus” [*Reich Gottes*]². Creio que sempre nos reconheceremos neste tema, ainda que tenhamos passado por muitas metamorfoses. Estou seguro de que onde quer que eu vá, o tempo não apagará em ti esta marca. Creio que também seja este o meu caso. E esta marca é o que mais amamos um no outro. Pelo que podemos estar seguros de que nossa amizade durará para todo o sempre. Ademais, freqüentemente eu lamento tua distância. Foste tantas vezes meu tutor. Eu te agradeço muito. Somente após nossa despedida percebi tal completamente. Ainda há tanto que eu gostaria de aprender contigo, e também gostaria de te pôr a par de mim.

Escrevermos cartas, por conseguinte, é o que nos resta fazer. Portanto, é algo que não devemos abandonar. Ocasionalmente, precisamos lembrar das importantes marcas que deixamos um ao outro.

Estou certo de que encontrarás um mundo condigno contigo. Mas não tenho por que invejar-te. Tão otimista me parece minha própria situação. Tu estás mais coerente contigo do que

¹Cidade alemã localizada no Estado da Turíngia, distrito de Gota, no sudoeste do país. Famosa pela beleza de suas florestas à margem do Rio Unstrut, estaria então inspirando o poeta em seu *Fragment von Hyperion* (*Fragmentos de Hipérion*) publicado neste mesmo ano no jornal *Thalia*. Nesse período, Hölderlin trabalha como preceptor de Fritz von Kalb, participa dos seminários de Fichte e conhece Schiller e Goethe. Nesse mesmo período, Hegel, que concluiu seus estudos de Teologia em 1793, exercia a função de preceptor em Bern.

²“Reino de Deus”, “Igreja invisível” ou “nova Igreja”, “*Hen kai pan*”, etc., são termos que, ainda que em sentidos variados, servem de lema ao anseio de participar na regeneração da humanidade na história. É comum sua presença nas correspondências entre os jovens pensadores. A “Igreja invisível” evoca a “nova aliança dos espíritos” de Hölderlin e a “federação dos espíritos livres” de Schelling [Cf. TILLIETTE. *Schelling. Une philosophie en devenir*. Paris: J. Vrin, 1970, t. 1, p. 70-71]. A origem dessas expressões remete ao debate de Lessing com Jacobi, quando este mostrou àquele a *Ode a Prometeu* de Goethe: “os conceitos ortodoxos da Divindade não existem mais para mim (*Hen kai pan*)” [conversa com Jacobi em 5 de julho de 1785; transmitida por F. H. Jacobi em: *Über die Lehre des Spinoza in Briefen an Herrn Moses Mendelssohn*, Breslau, 1795, p. 22].

eu. Aprecias estar cercado de ruído, eu necessito de silêncio. Tampouco careço de alegria. A ti nunca te falta.

Às vezes, gostaria de estar cercado dos teus lagos e Alpes. A grande natureza nos enobrece e se faz irresistível. Em contrapartida, vivo cercado de um espírito singular, excepcional em amplitude e profundidade, delicadeza e graça. Será difícil encontrares em Bern uma mulher como Frau von Kalb! Sentir-te-ias muito bem deixando-te impregnar por esta luz! Se não fosse nossa boa amizade, ressentir-te-ias por eu haver ofuscado tua boa estrela. Também ela se diz cega em face de tudo o que conto de ti, de modo a, por vezes, quase pensar estar em desvantagem. Muitíssimas vezes tu me advertiste que necessito te escrever. Agora novamente.

[...]

Minha tarefa agora é bastante árdua. Kant e os gregos são praticamente minha única leitura. Sobretudo, detenho-me na parte estética da filosofia crítica. Há pouco fiz uma breve excursão à região de Fulda, passando pelas montanhas de Rhön. Encontram-se nos montes suíços, essas colossais e férteis alturas, encantadores vales semeados de casebres dispersos ao pé dos montes, à sombra dos abetos, entre rebanhos e riachos. A própria Fulda é encantadora. Os montanheses são, como em todo lugar, um tanto rudes e simplórios. Ademais, tenham tido alguma boa qualidade que a cultura tenha pervertido.

Não deixe de me escrever, caro Hegel. Para mim, é necessário ter notícias tuas.

Hölderlin

[Hegel a Schelling]

Bern, véspera do Natal de 1794

Caro,

Há tempo eu já pretendia retomar o vínculo de amizade que nos uniu até então. Esta aspiração retornou quando, há pouco, ao ler a resenha de um ensaio teu em *Memorabilia* de Paulus, percebi que segues teu velho caminho, elaborando ilustrados conceitos teológicos e cooperando na eliminação do velho fermentado³. Não posso deixar de manifestar a satisfação e o entusiasmo com que te sigo nesta tarefa. Creio ter chegado a hora de se dizer livremente o que se pensa (o que de certo modo já se faz e se permite fazer). Só que meu afastamento do cenário no qual se desenvolve a atividade literária me impede de estar informado – ainda que ocasionalmente – de algo que tanto me interessa. Farias o grande favor de me participar eventualmente acerca deste tema em teus trabalhos. Aspiro pela situação – não em Tübingen⁴ – de poder recuperar o

³ Referindo-se ao opúsculo de Schelling *Über Mythen, historische Sagen und Philosopheme der ältesten Welt* (in: *Memorabilien. Eine philosophisch theologische Zetinschrift der Geschichte und Philosophie der Religionen, dem Bibelstudium und der morgenländischen Literatur gewidmet*, de H.E.G. Paulus, nº 5, Leipzig, 1793, p. 1-68).

⁴ Schelling, cinco anos mais jovem que Hegel, estava ainda estudando no seminário no qual foram colegas.

que deixei para trás e retomar meus trabalhos. Não que aqui não faça nada, mas minha ocupação é demasiadamente dispersiva e descontínua para que possa trabalhar seriamente⁵.

Casualmente, falei há alguns dias com o autor das cartas – que tão bem conheces – da *Minerva de Arschenholz*, assinadas por O., supostamente inglês. Pois bem, ele é da Silésia e se chama Oelsner. Por ele me inteirei de notícias sobre alguns suabos [*Schwaben*] que estão em Paris, também de Reinhard, que tem um posto importante no Departamento de Assuntos Internacionais [*Département des affaires étrangères*]. Oelsner é jovem, mas percebe-se que vem trabalhando muito. Vai retirar-se aqui neste inverno⁶.

E o que Renz⁷ vem fazendo? Tem desperdiçado seu talento? Espero que não. Certamente, seria válido induzi-lo ou animá-lo a reunir seus estudos, por certo profundos, sobre assuntos importantes. Isso talvez poderia compensá-lo das dificuldades que está tendo há algum tempo. Tenho amigos na Saxônia que o ajudariam neste empenho. Se não crês poder fazer algo por ele, anima-o persuadindo a superar sua modéstia. Em todo caso, transmita-lhe meus cumprimentos.

Ademais, como vão as coisas em Tübingen? Enquanto ali não ocupe uma cátedra gente do tipo de Reinhold ou Fichte, nada se passará. Não há espaço que cultive o velho sistema com tanta fidelidade. E, embora ela pouco influa as boas mentes que sempre possa haver isoladamente, a coisa se impõe maciçamente às cabeças mecânicas. A causa destas é tão sumariamente o sistema, o espírito que possa ter um professor, pois esses em especial são aqueles que as põem em circulação e as mantêm.

Até agora não tive notícias de outras respostas à teoria kantiana da religião que a de Storr, mas certamente já terão havido outras⁸. De todo modo, a influência desta teoria, por certo ainda nascitura, somente será manifestada com o tempo.

Já sabes que guilhotinaram Carrier⁹? Continuas lendo jornais franceses? Se bem me lembro, disseram-me que estão proibidos em Württemberg. O processo foi muito importante e pôs às claras toda a maldade dos robespierristas.

⁵ Os trabalhos de Hegel no período de Bern estão publicados em *Hegels theologische Jugendschriften*, de H. Nohl, Tübingen, 1907, e J. Hoffmeister, *Dokumente zu Hegels Entwicklung*, Stuttgart, 1936, p. 193 ss.

⁶ Hegel, Schelling e Hölderlin eram colegas no seminário de Tübingen quando eclodiu a Revolução Francesa. A tão celebrada Revolução está nesse período sendo repensada pelo outrora entusiasta Hegel a partir do escrito do correspondente Oelsner (*Historische Briefe aus Paris über die Begebenheiten in Frankreich*, assinado com as iniciais C.E.O.) no *Jornal de Minerva* (*Minerva, ein Journal historisch-politischen Inhalts*, de J.W. v. Archenholz, ano I (1792), p. 284 ss). Essa reinterpretação do evento revolucionário francês, em seu desfecho, deve ser lida à luz da seção *O Terror da Fenomenologia do Espírito* (1807): “a morte mais fria, mais rasteira: sem mais significação do que cortar uma cabeça de couve ou beber um gole de água” (Rio de Janeiro: Vozes, p. 406).

⁷ Karl Christoph Renz (1770-1829), colega de destaque de Hölderlin e Hegel, admirado por ambos pelo seu talento. Em 1797, foi nomeado professor adjunto no Seminário de Tübingen e prontamente se viu em face da possibilidade de obter o cargo de catedrático no curso de teologia. Mas preferiu seguir a carreira eclesiástica. Acerca do seu talento, Schelling o tinha “como superior a todos os seus amigos” e, anos mais tarde, lembrando-se dele, “costumava dizer que jamais havia conhecido um homem mais talentoso em sua vida”. “Dele se dizia que eram três os que sabiam grego: Hölderlin, Schelling e Renz”. Ver PLITT, *Aus Schelling Leben. In Briefen*, Leipzig, 1869-1870. Como forma de protesto, ainda que lhe aguardam os melhores resultados, não prestou a prova final de ano em 4 de outubro de 1793, razão pela qual foi obrigado a permanecer no Seminário até a Semana Santa de 1794. Desse desgosto refere Hegel em sua carta.

⁸ Hegel refere a G. Ch. Storr, autor de *Annotationes quasdam theologicas ad philosophicam Kantii de Religione doctrinam* (Tübingen, 1793 e 1794 em alemão). Deste ponto, cabe ater que o próprio Hegel está desenvolvendo sua crítica em *A vida de Jesus* (*Das Leben Jesu*, 1795). Ver: BOURGEOIS, B. *O pensamento político de Hegel*. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 2000. p. 48-55.

Saudações a Süskind e Kapff¹⁰.

Teu amigo,

Hgl

¹¹Mögling¹² há pouco me disse que Süskind crê que abrem todas as cartas que vêm da Suíça. Mas te asseguro que neste ponto podes ficar tranqüilo.

¹³Uma coisa mais te peço: Süskind poderia enviar-me as páginas da *Oberdeutsche Zeitung* em que criticaram o *Repertorium* de Mauchart¹⁴? Aqui não tenho como consegui-lo.

[Schelling a Hegel]

Tübingen

Noite de Reis de 1795

Então é verdade que lembras dos velhos amigos? Quase acreditei que eu e tantos outros haviam sido esquecidos por ti. Todos os nossos velhos amigos parecem já não nos conhecerem mais. Renz está aqui próximo, mas não vemos ou ouvimos nada dele. E Hölderlin? Atribuo à sua inconstância que ele não tenha lembrado de nós. Mas aqui está meu irmão, velho amigo! Nunca vamos nos distanciar! Até acredito termos mudado. Tão melhor assim para recomeçarmos.

Queres saber como estão as coisas conosco? Meu Deus! Aqui se transformou numa *auxmos*¹⁵ que nutre as velhas ervas daninhas. Quem as arrancará? Nós o esperávamos da filosofia e críamos que o golpe que atingiu espíritos de Tübingen não perderia tão logo seu efeito. Mas foi uma desgraça. O espírito filosófico já alcançou seu zênite. Talvez persevere no auge para tão logo cair com demasiada velocidade. Certamente agora há kantianos em massa – a filosofia buscou seu louvor na boca de crianças e latentes – mas a base de muitos dos nossos esforços filosóficos

⁹ Jean Baptiste Carrier (1756-1794) foi um revolucionário francês que, mesmo tendo sido apoiador de Robespierre, foi guilhotinado pelo Tribunal Revolucionário em dezembro de 1794. Hegel estaria atendo ao fato dado que Carrier ficara famoso pela crueldade contra o clero (como no episódio conhecido por *Noyades de Nantes*).

¹⁰ Johann Gottlob Süskind (irmão do professor adjunto Friedrich Gottlieb S.) e Karl Freidrich Kapp eram amigos de Schelling.

¹¹ À margem, p. 2.

¹² F.H.W. Mögling.

¹³ À margem, p. 3.

¹⁴ O *Allgemeines Repertorium für empirische Psychologie und verwandte Wissenschaften* (Nürenberg, 1792) de Mauchart foi um estudo da psicologia de Flatt qual expressa em *Historisch polemisch-exegetische Abhandlung* (1790), texto citado por Hegel em seu *Handschrift* da disciplina de Psicologia e Metafísica no ano de 1790 presente na biblioteca do Seminário de Tübingen. [Acerca da leitura de Flatt por Hegel ver: ANGELIS. M. *L'importanza della comprensione dell'influenza esercitata dal dibattito tuinghese relativo alla filosofia della religione di Kant sulla formazione del pensiero di Hegel. Presente em www.marcodeangelis.de* (acessado em 20/11/08). Os trabalhos de Hegel no período de Tübingen estão em: NOHL, H. *Hegels theologische Jugendschriften. Tübingen, 1907*]. Flatt em seus escritos opôs-se a Kant no tratante à religião, sem, contudo, estabelecer um salvaguardo à mesma a todo interdito da razão. Nessa oposição toma por referência a crítica de Jacobi ao *Comentários sobre a Crítica da Razão Pura do Prof. Kant* de Schultz, pela qual o Idealismo Transcendental não seria compatível com a tese de que os objetos externos são as causas de nossas impressões e representações.

¹⁵ [Gr.] sujeira, podridão.

encontrou ao fim o ponto limite no qual se pode ir com a filosofia (já que de fato não há forma de sair do passo sem tomar em mãos esta ciência enfadonha). Nesse ponto se assentaram, estabeleceram e montaram as tendas nas quais estão a abalar o Altíssimo. E quem vai desalojá-los neste final de século?

O que propriamente têm feito é selecionar alguns ingredientes do sistema de K[ant] (naturalmente os superficiais) e com eles se puseram a fabricar *ex machina* compostos filosóficos tão fortes sobre *quemcumque locum theologicum* que a teologia, que já começava a cuspir sangue, vai retornar mais sã e forte [*und stärker*] que nunca. Todos os dogmas possíveis já receberam o rótulo de postulado da razão prática; e justo onde não há forma de obter provas histórico-filosóficas, a razão prática [de Tübingen] simplesmente corta o nó. É uma delícia fazer-se espectador do triunfo desses heróis filosóficos. Os tempos de desolação filosófica agora pertencem ao passado!¹⁶

Escreve acerca de meu ensaio do *Memorabilia de Paulus*. É já ultrapassado, foi trabalhado superficialmente, contudo, não foi escrito em vão. Dos meus trabalhos filosóficos não posso dizer grande coisa. Tendo-se passado quase um ano é para mim algo de menor importância. O único que me interessou até agora foram os estudos históricos sobre o Antigo e Novo Testamento, assim como o espírito dos primeiros séculos cristãos. Aqui é onde mais há por fazer. Mas há algum tempo eu já abandonei isso também. Quem é capaz de enterrar-se no pó da Antigüidade, quando a marcha do seu tempo torna a erguê-lo consigo a cada momento?

Minha vida é a filosofia neste momento. A filosofia ainda não é algo acabado. Kant nos deu os resultados, mas as premissas seguem faltando. E quem consegue compreender resultados sem premissas? Um Kant, bem... mas e o resto? Fichte, quando esteve aqui pela última vez¹⁷, disse ser necessário um gênio de Sócrates para penetrar em Kant. Cada dia estou mais certo disso. Temos que ir mais longe com a filosofia! Kant varreu tudo. Como? Como saberemos? É preciso torturá-lo ante seus olhos ou deixá-lo sentir com suas mãos! Oh, os grandes kantianos que agora estão por toda a parte! Caíram na letra e se benzem ao ver ambos de pé. Estou plenamente convencido de que a velha convicção, não só da religião positiva, mas também da que chamam religião natural, já se combinou nas cabeças da maioria com a letra kantiana. É um prazer vê-lo manejando o

¹⁶ Em *Philosophische Briefe über Dogmatismus und Kritizismus* Schelling expressa o mesmo tom polêmico contra a "ortodoxia" da teologia de Tübingen. Censura os "dogmáticos" que se servem da filosofia kantiana no intento de salvar a teologia, ampliando a teoria dos postulados de uma maneira ilícita ao pretenderem incluir nela a "revelação", em especial, a "doutrina dos milagres" e, dessa maneira, interpretá-la como uma teoria da existência de Deus que conduziria à ampliação do saber moral por meio da religião. Contudo, como se sabe, a teoria dos postulados não tem por objetivo o aumento do saber humano, mas sim uma fundamentação prática da moralidade da conduta. A incapacidade da razão prática ao conhecimento dos objetos suprassensíveis é interpretada pelos teólogos de Tübingen como um recurso da razão prática que, baseada na autoridade da Bíblia, pode conhecer objetivamente Deus. Em seu escrito *Sobre o fracasso de todos os ensaios filosóficos relativos a teodicéia*, Kant afirma: "Posto que o conceito de Deus, que deveria ser um conceito útil à religião, tem que ser um conceito Dele como um ser moral, posto que este conceito, digo, não pode estar baseado na experiência nem pode ser extraído dos conceitos puramente transcendentais de um ser absolutamente necessário – o que para nós não é mais que redundante – está suficientemente claro que a prova da existência de um ser semelhante só pode ser uma prova moral" (*Kants gesammelte Schriften*, ed. Königlich-Preubischen Akademie der Wissenschaften zu Berlin, 1910 ss., T. VIII, p. 256). Na *Crítica do Juízo*, § 87, assinala Kant que esta prova não é uma demonstração *strictu sensu*, mas um postulado prático: "Este argumento moral não põe à nossa disposição uma prova válida objetivamente, não prova que Deus existe àquele que duvida da fé, mas que aquele que quer pensar moralmente de uma maneira conseqüente *tem que acolher* a suposição desta proposição entre as máximas de sua razão prática" (KANT. *Crítica da faculdade do juízo*. Trad. Rohden V. e Antônio Marques. 2.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995).

¹⁷ Sobre esta estada de Fichte em Tübingen sabemos pela carta que envia à sua esposa em 3 de maio de 1794. Fichte vai a Tübingen em duas circunstâncias: em junho de 1793 e, agora, em maio de 1794.

argumento moral e extraindo seu desenvolvimento até que nos salta de súbito o deus *ex machina*, o Ser pessoal, individual que está lá no céu.

Fichte levará a filosofia a uma altura que levará à vertigem a maioria dos kantianos. [...] ¹⁸

Acabo de receber o começo das explicações do próprio Fichte dos *Fundamentos Gerais da Doutrina da Ciência*¹⁹. (Já o viu anúncio no *Intelligenzblatt der Allgemeine Literaturzeitung*²⁰. Mas não irá à venda, pois dizem ser apontamentos para seus alunos). Lendo-o me dei conta de que não me equivoquei em minhas profecias.

Atualmente, trabalho em uma *Ética de Espinoza*²¹. Firmarei os primeiros princípios de toda a filosofia, nos quais se unem a razão teórica e prática. Com ânimo e tempo terei isso já nas próximas férias, ou mais tardar no próximo verão. Satisfar-me-á o fato de ser um dos primeiros a saudar o novo herói, Fichte na terra da verdade. Que a fortuna esteja com este grande homem! Ele terminará a obra! Ademais, leste a *Reivindicação pela liberdade de pensamento aos príncipes europeus*²²? Se não, tens que consegui-la em Jena, onde isto é possível. Quem duvida de quem é o seu autor?²³ [...] ²⁴

[Hegel para Schelling]

Janeiro de 1795

Caro amigo:

Não preciso desperdiçar palavras para expressar o quão feliz tua carta me deixou. Somente superaria meu interesse por tua fiel lembrança dos amigos é o que tenho por caminho e o que tu já empreendeste em teu espírito e o que daí se seguiu. Como amigos, nunca nos tornamos estranhos e, sobretudo, o somos naquilo que constitui o interesse primordial de todo o homem racional, a cujo impulso e energia corroborarão todas as suas forças.

Há algum tempo tenho me dedicado em especial à filosofia kantiana com o objetivo de aplicar algumas de suas teses mais importantes a certas idéias que nos são comuns, ou a elaborar estas baseando-me naquelas. Os esforços modernos por alcançar uma profundidade cada vez maior, como os de Reinhold²⁵, me são pouco conhecidos. É que essas especulações me pareceram incidir somente à razão teórica, não aplicáveis a certos conceitos de utilidade genérica. Assim, não conheço muito bem o fim que perseguem esses esforços, só tenho deles uma impressão confusa.

¹⁸ Falta trecho no original.

¹⁹ FICHTE, *Grundlage der gesamten Wissenschaftslehre* (1795).

²⁰ O filólogo Ch. G. Schütz (1747-1832) e o jurista G. Hufeland (1760-1817) editavam em Jena desde 1787 a *Allgemeine Literatur Zeitung*, onde publicavam resenhas dos lançamentos científicos e literários que divulgavam nas *Intelligenzblätter* (lojas de publicidade). A *Allgemeine Literatur Zeitung* chegaria a ser a maior difusora da filosofia kantiana de Alemanha, contando com a colaboração do próprio Kant, além de Goethe e Schiller. O anúncio mencionado por Schelling se encontra no nº 113, datado de 1º de outubro de 1794.

²¹ O interesse de Schelling estava então centrado no pensamento de Spinoza. Havia lido a *Ética* e o *Tratado teológico-político* e conhecia a disputa entre Jacobi e Mendelssohn acerca do suposto spinozismo de Lessing. Concede o projeto de escrever uma *Ética spinoziana* que, contudo, nunca chegará a redigir.

²² *Zurückforderung der Denkfreiheit von den Fürsten Europas* (Jena, 1794), publicado anonimamente.

²³ Fichte era o autor desta publicação.

²⁴ O final do texto foi perdido. Encerra com "mich nicht alles trägt, so geht der...".

²⁵ REINHOLD, *Versuch einer neuen Theorie der menschlichen Vorstellungsvermögen* (Jena, 1789).

De toda forma, questões de envio não deviam tê-lo detido na remessa dos ensaios publicados. Faça-o por diligência, não por correio, pois serão de valor imprescindível para mim.

O que me contas do discurso teológico kantiano, que tomou a filosofia de Tübingen, não é de estranhar. A ortodoxia é incomovível dados os seus vínculos e vantagens seculares pelos quais se entrelaça de todo ao Estado. Esse interesse é demasiadamente forte para ser prontamente relegado e influi sem, necessariamente, ter-se consciência dele. Ainda a ortodoxia tem toda uma massa de repetidores e escribas tão incapazes de conceber quanto de abrigar interesses superiores. Que esta corja compreenda algo distinto à sua doutrina (elevando seu discurso ao nível deste termo) e conceba algo da sua verdade? A resposta é: "Sim, tens toda a razão", ainda que logo em seguida encostem-se em almofadas para na manhã seguinte tomarem café servindo-se uns aos outros como se nada tivesse ocorrido. Ainda, satisfazem-se com o que lhes é dado de modo que não abandonam o sistema rotineiro.

De todo modo, creio ser interessante cutucar à medida do possível este esforço de formigas com que carregam materiais críticos para construir seu templo gótico, dificultar sua passagem, hostilizar seus rompantes até que não lhes reste nenhum e tenham que dar a cara à luz do dia. Mas entre os materiais que retiram da fogueira kantiana para impedir o incêndio da dogmática, igualmente levam brasas para casa. Estão operando a difusão das idéias filosóficas.

E acerca do abuso de que trata e de cuja lógica posso imaginar, não cabe duvidar que Fichte abriu as portas com sua *Crítica da Revelação*²⁶ à confusão da qual me escreves e cuja argumentação posso bem imaginar. O mesmo Fichte se vale desta com moderação, mas, uma vez que tenham adotado seus princípios de uma maneira definitiva, será impossível pôr fim à lógica teológica. Fichte raciocina deduzindo a partir da santidade de Deus, o que Este deve fazer em virtude de sua natureza puramente moral, etc.; e, desta forma, volta a introduzir a antiga maneira de comprovação própria à dogmática. Talvez valha a pena examinar isto mais de perto. Se houvesse tempo, trataria de determinar com maior exatidão até que ponto inversamente precisamos agora da idéia assim legitimada de Deus, logo da consolidação da fé moral; por exemplo, na explicação da relação de finalidade, etc., em que medida é lícito levar esta idéia legitimada de Deus da teologia moral à teologia física e prover com ela (com a idéia legitimada de Deus). Este me parece ser o trajeto que em geral se toma com a idéia da providência, tanto no que se refere a esta idéia como tal, como também quanto aos milagres e, como faz Fichte, no que concerne à revelação, etc. Se chegar a desenvolver mais amplamente minha opinião, a submetê-la a tua crítica, em todo caso te rogo encarecidamente, e com antecipação, que sejas indulgente. Meu distanciamento de certo tipo de livros e a escassez de meu tempo não me permitem desenvolver algumas idéias que tenho em mente. Ao menos cumprirei o que posso. Estou convencido de que só uma sacudida e uma agitação constantes que provenham de todas as partes poderão levar a um resultado de importância. Toda contribuição desta índole tem seu mérito próprio, enquanto não

²⁶ Em sua *Versuch einer Kritik aller Offenbarung* (Königsberg, 1792) Fichte reivindica a liberdade de pensamento e se detém às contribuições da Revolução Francesa à noção do público a partir da tese de que a unificação da obra de Kant, se queria preservar a liberdade, só o faria a partir da própria liberdade. Em *Recensão de Enesidemo* (1794), Fichte retoma essas idéias à luz da crítica que faz à tese de Reinhold de que a consciência como *fato* (*Tatsache*) não pode servir de princípio como o que se propõe evidente. Substitui *Tatsache* por *Tathandlung*, termo que utilizará na apresentação do seu pensamento na *Grundlage*.

contenha nada novo; ademais, a comunicação e o trabalho em comum são renovadores e fortificantes. Repitamos outras vezes teu chamado: não nos deixemos ficar pra trás!

O que Renz tem? Parece por seu caráter estar um tanto desconfiado, só falando de sua má sorte. Só trabalha para si e pensa que os outros não são dignos de que faça algo por eles ou crê que o mal é incurável. Acaso tua amizade não tem nenhuma influência sobre ele para instigá-lo a atuar e polemizar com a teologia atual? O que é necessário e não supérfluo se explica pela própria existência.

Hölderlin escreve-me de vez em quando de Jena. Dar-lhe-ei notícias tuas. Assiste aos cursos de Fichte e fala entusiasmado dele como de um titã que luta pela humanidade e cujo âmbito de influência certamente não se limitará ao interior das paredes do auditório. Pelo fato de ele não te escrever não debes deduzir um esfriamento na amizade de vocês, pois esta não diminuiu de maneira alguma, e, segundo me parece, segue aumentando seu interesse pelas idéias cosmopolitas.

Que venha o reino de Deus e não fiquemos com as mãos cruzadas!²⁷

Não entendo uma expressão da tua carta sobre a prova moral: "saber manipulá-la de tal modo que surja o Ser individual e pessoal". Crês que não possamos chegar tão longe? Adeus.

Nosso lema segue sendo a razão e a liberdade, a igreja invisível nosso ponto de encontro.

H.

²⁸Contesta-me como antes; saúdo aos meus amigos.

²⁷ Ver nota 2.

²⁸ À margem da folha.